

> Memento Mori ou Lembra-te que Morrerás

> Memento Mori or Remember you'll die

por Fernanda Puricelli

Fernanda Puricelli reside e trabalha em Porto Alegre. É mestranda na área de Poéticas Visuais do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS. Pesquisa os entrecruzamentos entre os gestos inventariante e autobiográfico em uma poética do fazer manual, a partir da cerâmica, da aquarela e da incorporação de outros materiais em seus trabalhos, formando neste processo inventários de si. O presente ensaio está vinculado à pesquisa de mestrado com apoio da agência de fomento CAPES/CNPq. E-mail: fernanda.puricelli@gmail.com . ORCID: 0000-0003-3274-2036

> Ensaio visual recebido em 03.07.2021 e aceito em 27.09.2021.

*Let everything happen to you
Beauty and terror
Just keep going
No feeling is final
Rainer Maria Rilke*

Nos encontramos no momento atual, marcados por uma ideia de doença, iminência da morte e isolamento. Isso me fez repensar sobre as imagens subjetivas do vazio, da melancolia e da solidão no sujeito. Recentemente, li a frase que inicia o ensaio *O mito de sísifo* de Albert Camus. Na hora, a frase me pareceu estranhamente engraçada: “Só existe um problema filosófico realmente sério: é o suicídio.”¹ Acredito que o autor a tenha escolhido como forma de causar um certo desconforto no leitor, que a mim veio como um pequeno riso desconfortável no canto da boca.

Como um exercício de pensar sobre esse desconforto, elaborei este ensaio visual. Me pareceu pertinente pensar na questão da melancolia, ou nesse vazio que se instaura em alguns indivíduos de maneira tão forte que a única maneira de subvertê-lo seria acabar com a própria vida. Trabalhar com esse assunto, apesar de ser de meu interesse pessoal, também se revela na necessidade de iniciar uma discussão em uma época que intitulou a depressão como “o mal do século XXI”, apesar de sua ainda extensa estigmatização.

Percebi que esse caráter sombrio e disruptivo do indivíduo, a partir de uma leitura psicológica, já era presente em meu processo poético há algum tempo. Porém, sempre de maneira orbital, por receio de que, primeiramente, se caia no estigma da “loucura” ou ainda da representação do artista como alguém que precisa sofrer para elevar-se e produzir algo “genial”.

Contudo, não seria possível, fugir desse endossamento do sofrimento, e reconhecer o doloroso e o disruptivo como características humanas, encontrada em diversos indivíduos, idades, classes sociais? O caráter filosófico da pergunta

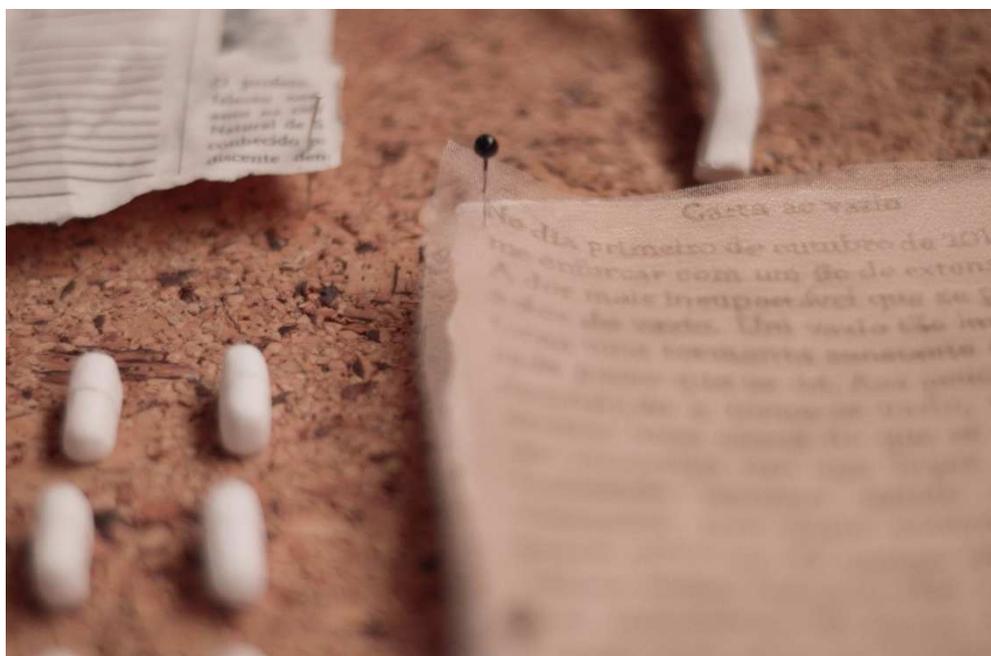
¹ Albert Camus, *O Mito de Sísifo*, 2010, p. 17.

existencial “vale mesmo a pena viver?” se revelaria como questão de reflexão sobre o vazio, sobre a melancolia, sobre algo que é humano.

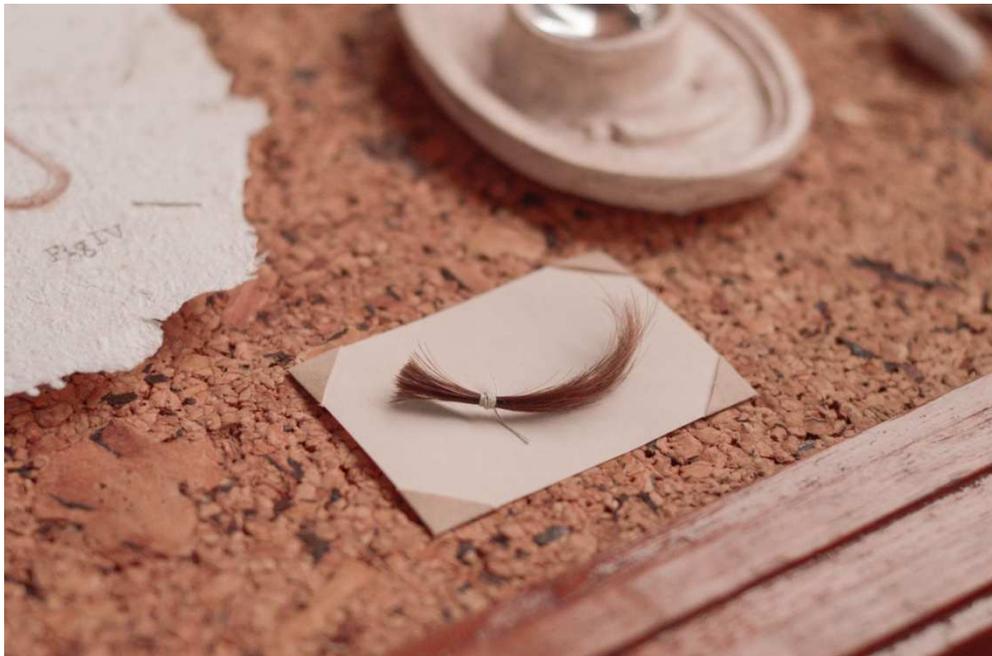
O desejo de trazer a luz a esse assunto obscuro, que por muitas vezes se mantém escondido, negado, apesar de seu caráter humano, surgiu no processo artístico como ficcionalização de documentos como obituários de jornal, remédios, carta de suicídio, rastros de uma existência. Porém, esses rastros surgem como uma performatização da possibilidade da ausência, da morte. Não seria paradoxal, pensar que o sentimento doloroso de vazio que faz o homem se sentir estrangeiro de seu próprio corpo e sua vida, o faria almejar um vazio completo, a ausência do todo que é a própria morte?

Essa imagética do suicídio, do rastro da vida, do “após a vida”, também termina por nos revelar, a impossibilidade de experienciar a morte. Ao contrário da morte, que seria a aniquilação do porvir, e aí se encontra sua impossibilidade de experiência, se revela nesse processo poético como uma visão do vazio pelo lado da presença, dos que ficaram, antagônico, assim, a morte. Apesar do caráter individual e íntimo do tema suicídio, a questão posta não se refere a fatos autobiográficos específicos, esse inventário não se refere a ninguém, não tem nome ou idade.

Se partirmos do pressuposto de que assim como o sonho na psicanálise, a arte tem uma característica de elaboração daquilo que não compreendemos, talvez formar esse inventário seja uma maneira de elaboração desse disruptivo. Performar essa possível morte, esse aspecto doloroso, torna-se seu próprio enfrentamento.



Memento Mori ou Lembra-te que Morrerás, Fernanda Puricelli (2020)
Porcelana, fotomontagem, aquarela sobre papel artesanal, cabelo, tecido.
40x60 cm



Memento Mori ou Lembra-te que Morrerás, Fernanda Puricelli (2020)
Porcelana, fotomontagem, aquarela sobre papel artesanal, cabelo, tecido.
40x60 cm





Memento Mori ou Lembra-te que Morrerás, Fernanda Puricelli (2020)
Porcelana, fotomontagem, aquarela sobre papel artesanal, cabelo, tecido.
40x60 cm

Referências

CAMUS, Albert, *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

RIVERA, Tania. *Arte e Psicanálise*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

Referência para citação deste ensaio visual

PURICELLI, Fernanda. *Memento Mori ou Lembra-te que Morrerás*. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 3, número 2, p. 410–417, dezembro de 2021.